

TENDÊNCIAS DA PESQUISA EM GEOGRAFIA AGRÁRIA NO PARANÁ

Elpídio SERRA¹

RESUMO

O trabalho tem como preocupação identificar as possíveis tendências das pesquisas em Geografia Agrária e que servem de base para as teses e dissertações defendidas nesta área de conhecimento nos cursos de mestrado e de doutorado em Geografia no Paraná. Foi apresentado em Mesa Redonda no IX Simpgeo, realizado na Universidade de Londrina no contexto de discussões envolvendo a pesquisa geográfica brasileira. Em linhas gerais, procura estabelecer relação entre quantidade e qualidade da produção científica, os temas mais explorados, bem como questionar pontos que podem comprometer o aspecto qualitativo das pesquisas.

Palavras chave: Estudos agrários. Temas e problemas. Produção científica. Tendências.

TRENDS OF RESEARCH IN AGRARIAN GEOGRAPHY IN PARANÁ

ABSTRACT

The work has as a concern to identify the possible trends of research in Agrarian Geography and that serve as a basis for the theses and dissertations defended in this area of knowledge in the master's and doctoral courses in Geography in Paraná. It was presented in Round Table at IX Simpgeo, held at the University of Londrina in the context of discussions involving Brazilian geographic research. In general terms, it seeks to establish a relationship between quantity and quality of scientific production, the most explored themes, as well as questioning points that may compromise the qualitative aspect of the research.

Keywords: Agrarian studies. Themes and problems. Scientific production. Tendencies.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de Rio Claro. Docente do Departamento de Geografia (DGE) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

1 INTRODUÇÃO

Como parte da programação do IX Simpósio Paranaense de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (Simpgeo), realizado na Universidade Estadual de Londrina em novembro de 2018, foi composta uma Mesa Redonda tendo como tema central *a pesquisa geográfica brasileira: múltiplos olhares*.

Do tema central, foram tirados subtemas, onde ficava explícita a preocupação da coordenação do evento em debater, no escopo dos *múltiplos olhares*, as tendências das pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Paraná, nos mais a variados enfoques e linhas abarcadas pela ciência geográfica.

Um dos enfoques foi reservado às tendências das pesquisas em Geografia Agrária; tivemos o privilégio, como participante desta Mesa, de coordenar as discussões relativas às pesquisas nessa importante área de conhecimento e também de expor nosso ponto de vista, considerando os aspectos quantitativo e qualitativo do que é produzido em nome da Geografia Agrária nos Programas de Pós-Graduação em Geografia.

Para sustentar as discussões, utilizamos como base de dados a produção científica configurada nas teses e nas dissertações defendidas nos cursos de doutorado e de mestrado em Geografia e postadas nas respectivas páginas dos Programas de Pós-Graduação. Os registros das defesas nas páginas dos Programas possibilitaram quantificar os trabalhos, identificar os enfoques mais e menos explorados nas teses e dissertações, e apontar prováveis tendências quanto aos temas e à fundamentação teórica das pesquisas.

Em função dos dados coletados, elaboramos um texto de apoio que serviu para sustentar as discussões na Mesa, na parte relativa às tendências da produção em Geografia Agrária. O texto, com alguns ajustes, é reproduzido a seguir. Importante observar que por tratar-se de trabalho apresentado em Mesa Redonda, incorpora abordagem com características próprias desse tipo de intervenção em evento científico. Ou seja: o texto não segue na sua construção a forma e estilo convencional de um artigo científico.

2 O TEMA E O PROBLEMA

O tema central desta Mesa Redonda, “*a pesquisa geográfica brasileira: múltiplos olhares*” é altamente desafiador, pela sua própria complexidade. Mais desafiador é discutir as “*tendências da pesquisa em geografia agrária no Paraná*”, subtema que foi tirado do tema central, tomando como referência a produção acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia. Tendência significa inclinação, a vocação embutida nas teses e dissertações defendidas. Entrar nesse campo envolve muita responsabilidade e imparcialidade, para não se correr o risco da tendenciosidade.

Apontar tendência com base no pensamento individual, na forma como cada indivíduo vê e interpreta determinado problema, torna a proposta altamente arriscada e subjetiva. Outro lado da questão, ainda como desafio: como identificar tendências no contexto de uma produção científica que ainda é recente no seu processo histórico? Considerando a produção dos sete programas de pós-graduação em Geografia do Paraná, as primeiras defesas de dissertações de mestrado ocorreram só depois da virada do século, portanto já no terceiro milênio, e as primeiras teses foram defendidas depois de iniciada a primeira década do século 21. Os programas mais antigos, o da Universidade Estadual de Maringá e o da Universidade Federal do Paraná, foram implantados em 1998 e em 1999, e as primeiras defesas só ocorreram dois e até três depois. Ou seja: não passou ainda o tempo que poderia ser considerado suficiente para a identificação de possíveis tendências, pelo menos com maior profundidade e segurança.

Na falta do tempo em dose certa, alguns caminhos tiveram que ser trilhados para o desenvolvimento desta exposição no sentido de, pelo menos, tentar uma aproximação do que seriam as tendências das pesquisas em Geografia Agrária no Paraná. Um caminho necessariamente passou pelo levantamento das teses e dissertações defendidas em cada programa de pós-graduação, desde o início de seu funcionamento, seguido da separação dos trabalhos que se encaixavam em pelo menos uma das muitas vertentes caracterizadoras da questão agrária. Outro envolveu leitura e análise de parte dos trabalhos classificados. Como critério, tanto na fase quantitativa, de levantamento dos trabalhos, quanto na fase qualitativa, de análise de parte dos trabalhos, as fontes utilizadas foram as páginas dos programas de pós-graduação e os arquivos dos trabalhos ali postados em PDF. Cada programa teve pelo menos dois trabalhos selecionados

para a fase qualitativa, de forma aleatória, não importando qual o tema explorado no leque de opções da Geografia Agrária.

A utilização como metodologia da contagem dos trabalhos defendidos a partir da instalação do programa, em lugar da definição de um período padrão para todos eles, pode alimentar a falsa ideia de que alguns programas, os mais antigos, produzem mais que outros, os instalados mais recentemente. O efeito, no entanto, é apenas de visibilidade, considerando que é o fator qualitativo, e não o quantitativo, que passa a ser utilizado para “medir as tendências”.

Definido o passo-a-passo, a expectativa do resultado esperado ficou por conta da confiabilidade e atualidade dos dados postados nas páginas dos programas. A eficiência ou eventual deficiência nos registros contribuiriam para a aproximação maior o menor do que poderia ser entendido como tendência das pesquisas em Geografia Agrária no Paraná.

3 A PROPÓSITO DA QUESTÃO METODOLÓGICA

O Paraná conta com sete programas, que alojam treze cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sete em nível de mestrado e seis em nível de doutorado. Pela ordem de implantação, tomando-se como referência o início de funcionamento do curso de mestrado, os programas de pós-graduação em Geografia estão instalados na Universidade Estadual de Maringá - UEM (mestrado em 1998 e doutorado em 2008), na Universidade Federal do Paraná - UFPR (mestrado em 1999 e doutorado em 2006), na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (mestrado em 2006 e doutorado em 2013), na Universidade Estadual de Londrina - UEL (mestrado em 2008 e doutorado em 2012), na Universidade Estadual do Centro-Oeste, em Guarapuava - Unicentro (mestrado em 2009 e doutorado em 2017), na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, em Francisco Beltrão (mestrado em 2007 e doutorado em 2017) e em Marechal Cândido Rondon (mestrado em 2011). Em todos os programas e respectivos cursos existem linhas de pesquisa direcionadas à Geografia Agrária.

Os trabalhos considerados para efeito do levantamento foram os defendidos pelos pós-graduandos dos sete programas, tendo como foco a questão agrária na sua diversidade de enfoques. Teses e dissertações foram consideradas como pesquisa desenvolvida, sem distinção de nível. Trabalhos de pesquisa e artigos publicados por docentes ficaram de fora, pela dificuldade

de serem encaixados no mesmo critério da produção discente. A ideia inicial era identificar as prováveis tendências tomando por base não apenas dissertações e teses, mas também as publicações feitas pelos acadêmicos e docentes em revistas *qualis* em Geografia. O entendimento era, e é, de que a produção científica dos programas se sustenta, além dos trabalhos defendidos, pela publicação de artigos científicos, livros e capítulos de livros e pela apresentação de comunicações em eventos. Mesmo diante desse entendimento, optou-se pelo caminho mais curto, por conta das dificuldades e da disponibilidade do fator tempo.

O período levado em conta, para efeito de contagem e de análise dos trabalhos defendidos, foi o registrado entre o início das primeiras defesas públicas e o último dia do mês de julho de 2018. Como base de dados foram utilizadas as defesas postadas pelos programas em seus respectivos *sites* até o final do prazo considerado.

Em função dos trabalhos identificados como de Geografia Agrária nessa primeira etapa, procurou-se entender as bases teóricas utilizadas pelos respectivos autores e identificar o trânsito do orientador citado com a área de pesquisa em que se enquadra o trabalho, no caso uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutoramento. O aspecto quantitativo, quantos trabalhos foram defendidos em cada ano e em cada programa de pós-graduação, enfocando algum aspecto da questão agrária, é destacado apenas para se ter uma base estatística, como suporte à base qualitativa.

Para a identificação da produção acadêmica em Geografia Agrária, foram utilizados como referência o título, as palavras-chaves e o resumo das dissertações e teses. Trabalhos que geravam dúvidas na identificação, podendo ser considerados ou não em Geografia Agrária, foram descartados. Trabalhos identificados com a abordagem agrária foram contados e entre eles, de forma aleatória, vinte passaram pelo crivo analítico. A princípio, a ideia era ler um número maior de trabalhos, mas ao se deparar com o quantitativo da produção acadêmica (Tabela 1), tal caminho tornou-se inviável levando em conta o tempo que demandaria.

As teses e dissertações que abordaram algum enfoque da questão agrária foram separadas em grupos distintos, de acordo com o tema abordado. Em um bloco foram agrupadas as pesquisas envolvendo agricultura familiar e campesinato, em outro reforma agrária e conflitos rurais, em outro cooperativismo e agronegócio e assim por diante.

A contagem das pesquisas relacionadas à questão agrária apontou que nos cursos de mestrado e de doutorado, desde o início das respectivas instalações e até o dia 31 de julho de

2018, foram produzidas e defendidas 112 dissertações e teses (Tabela 1). Tal número, apesar de ser considerável, não reflete a realidade da produção acadêmica, que deve ser bem maior. Existe uma defasagem entre o que as páginas dos programas registram e o que pode espelhar a realidade do desempenho acadêmico, isso levando em conta que com exceção de apenas um programa, o da UEM, os demais não mantêm as páginas atualizadas.

Tabela 1 - Dissertações e teses em Geografia Agrária defendidas no Paraná – 2000/2018

PERÍODO	UEM	UEL	UEPG	UFPR	UNIOESTE ¹	UNIOESTE ²	UNICENTRO	TOTAL
2000-02	09							09
2003-05	07			02				09
2006-08	06		02					08
2009-11	10	02	07	01	01			21
2012-14	09	03	07	08	01		03	31
2015-17	04		03	04	04	03	07	25
2018	01			05	03			09
TOTAL	46	05	19	20	09	03	10	112

¹ Campus de Francisco Beltrão

² Campus de M.C. Rondon

Fonte: Páginas dos Programas de Pós-Graduação. Elaborado pelo autor.

Tomando-se, por exemplo, os dados postados pela Universidade Federal do Paraná e pela Universidade Estadual de Londrina, a UFPR, que teve seu mestrado implantado em 1999, registrou uma defesa em 2004 e outra em 2005 e só a partir de 2011 voltou a postar os trabalhos defendidos; a UEL percorreu caminho inverso: implantou seu mestrado em 2008, registrou as defesas entre 2011 e 2014 e depois nenhum outro registro foi postado. Pelos dados que aparecem nas respectivas páginas, a UEL contabiliza apenas cinco teses ou dissertações defendidas em Geografia Agrária e a UFPR registra apenas vinte, diante de uma produção que certamente foi bem maior na pós-graduação das duas instituições.

No caso da UFPR, nenhum registro foi feito em 2014; em 2015 constam 51 defesas, mas em apenas três aparecem arquivos com os trabalhos completos; em 2016 são informadas 44 defesas sendo que 14 têm os trabalhos completos disponibilizados. Em diversas situações, a página registra a defesa e expõe apenas o nome do orientador, fazendo constar “não informados” os campos reservados ao candidato, ao título do trabalho e ao depósito do arquivo do trabalho. Pela identificação do orientador até é possível afirmar que entre os registros incompletos devem estar teses e dissertações em Geografia Agrária.

4 AS TENDÊNCIAS EM FUNÇÃO DOS TEMAS

Apesar dos 112 trabalhos catalogados não refletirem com exatidão o real desempenho dos programas, tal quantidade permite apontar algumas tendências quanto aos temas abordados, expressas nos títulos, nas palavras-chave e o nos resumos das produções acadêmicas.

Para a identificação dos temas mais explorados como objetos de pesquisa, os 112 trabalhos foram separados em cinco grupos distintos. No grupo 1 ficaram os trabalhos relacionados à agricultura e desenvolvimento rural, no grupo 2 os trabalhos sobre reforma agrária e conflitos rurais, no grupo 3 os trabalhos sobre agricultura familiar e campesinato, no grupo 4 os trabalhos envolvendo as políticas públicas direcionadas ao campo e no grupo 5 os trabalhos relacionados à agroecologia e meio ambiente. Em cada grupo, os temas que sustentaram as pesquisas foram os seguintes:

Grupo 1 – Colonização, agricultura tradicional, modernização da agricultura, cooperativismo, complexo agroindustrial, redes e cadeias produtivas, agronegócio, mercado imobiliário.

Grupo 2 – Reforma agrária, movimentos sociais no campo, conflitos rurais, educação no campo, vilas rurais, população rural, assentamentos rurais, gênero (trabalho da mulher na agricultura).

Grupo 3 – Agricultura familiar, campesinato, relações de trabalho, agricultura orgânica, agroecologia, populações tradicionais, faxinais, quilombolas.

Grupo 4 – Políticas públicas, ações do estado.

Grupo 5 – meio ambiente, turismo rural.

O resultado da separação dos trabalhos em grupos distintos é evidenciado na Tabela 2. Pode ser observado que as pesquisas classificadas para o Grupo 1 se sobressaem, o que de certa forma surpreende, considerando que a maior parte dos trabalhos tiveram o Paraná como referência e o Paraná é tido como espaço de conflitos rurais. Apesar dos conflitos, a maior parte em nome de conquistas em termos de reforma agrária, a tendência apontando para os temas do Grupo 1 se justifica diante do estágio avançado do setor agrícola paranaense e da relativa facilidade na coleta de dados primários e secundários. A agricultura do Paraná se caracteriza como atividade empresarial altamente modernizada e capitalizada, o que certamente contribui como atrativo para o desenvolvimento de pesquisas.

Tabela 2 - Teses e dissertações defendidas em Geografia Agrária, por grupo temático

	GRUPO 01	GRUPO 02	GRUPO 03	GRUPO 04	GRUPO 05	TOTAL
UEM	11	14	19	02		46
UEL	01		02	02		05
UEPG	05	02	01	09	02	19
UNICENTRO	02	02	06			10
UNIOESTE (1)	02	01	04	02		09
UNIOESTE (2)	02	01				03
UFPR	08	01	04	05	02	20
TOTAL	31	21	36	20	04	112

¹ Campus de Francisco Beltrão

² Campus de M.C. Rondon

Fonte: Páginas dos Programas de Pós-Graduação. Elaborado pelo autor.

Como características, as pesquisas ficaram mais centradas nos temas colonização regional, cooperativismo agrícola, agronegócio, modelos agrícolas e complexo agroindustrial, foram desenvolvidas como estudo de caso (59 trabalhos), e tiveram como área de referência o raio de influência da universidade que hospeda o curso (62 trabalhos).

Em consonância com os temas considerados centrais, é aberto um leque de opções que vão delinear as pesquisas em Geografia Agrária no Paraná. As opções, tiradas dos títulos das dissertações e teses postadas nas páginas dos programas, são destacadas na Tabela 3. Pode ser observada a diversidade de enfoques explorados, o que dá a dimensão do estoque de alternativas para o embasamento dos trabalhos.

A preocupação com a questão agrária do Paraná, explorada como estudo de caso já nos primeiros trabalhos desenvolvidos, se justifica diante da própria realidade das transformações do setor agrícola do Estado, no contexto do que se convencionou chamar de modernização da agricultura brasileira.

Na virada do século o Paraná convivia com o que pode ser chamado de fase aguda da crise agrária, tendo de um lado o avanço do desenvolvimento capitalista da agricultura e de outro lado todas as mazelas deixadas pela construção do novo modelo agrícola. As relações contraditórias se davam pela consolidação de uma agricultura altamente tecnificada, marcada pela industrialização (a industrialização da agricultura), pelo fortalecimento das cooperativas, e ao mesmo tempo pela expulsão e expropriação de camponeses, pela destruição de formas e modos de produção não capitalistas.

Tabela 3. Temas e subtemas das pesquisas em Geografia Agrária

<p>COOPERATIVISMO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cooperativismo e agricultura familiar - Cooperativas de produção em assentamentos rurais - Cooperativismo e consolidação do CAI - Estudo sobre o cooperativismo holandês no Paraná - Cooperativas agrícolas no Norte do Paraná - Apropriação econômica do território pelas cooperativas - Dinâmica sócio espacial das cooperativas agropecuárias <p>AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso da terra no entorno de áreas de preservação - Agricultura orgânica e sua inserção no mercado consumidor - Produção de alimentos na floresta - Capacidade de uso e perda do solo - Uso do solo e degradação ambiental - Territorialização da agroecologia - Código Florestal nas pequenas propriedades - Legislação ambiental e dinâmica do uso da terra <p>AGRICULTURA E CAPITAL NO CAMPO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Articulações do capital no campo - Dinâmica dos preços das terras rurais - Estrutura fundiária e modernização da agricultura - Cadeia produtiva da mandioca - Unidades de paisagem e sistemas de produção agrícola - Modernização agrícola e Complexo agroindustrial - Acumulação do capital no agronegócio - Evolução do uso e ocupação da terra - Desenvolvimento e território: análise da política do Ministério do Desenvolvimento Agrário <p>EDUCAÇÃO NO CAMPO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação de educadores no campo e fortalecimento da resistência camponesa - Ideologia política e educação - Geografia das escolas itinerantes do MST - Território da educação no campo 	<p>COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assentamentos rurais em projetos de reforma agrária - O papel dos agentes colonizadores - Frentes de ocupação territorial - Agrovila e vilas rurais - Colonização, reforma agrária e impactos socioambientais - Atuação do poder público em assentamentos precários - Estudo da colonização do oeste paranaense <p>AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPESINATO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dinâmica da agricultura familiar - Dilemas sócio territoriais da agricultura familiar - Agricultura familiar no contexto da lavoura capitalista - Agricultura familiar e o programa de aquisição de alimentos - Proposta do PRONAF para a agricultura familiar - Produção leiteira em comunidade rural - Agroindústria de pequeno porte e reprodução socioeconômica da agricultura familiar - Territorialidade camponesa - Produção camponesa e monopólio do território pelo capital - O turismo e o mundo do campesinato <p>GÊNERO, POPULAÇÕES TRADICIONAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resistência, empoderamento e emancipação das mulheres quilombolas e assentadas - Populações tradicionais e saberes ecológicos - Estrutura familiar e capital social em faxinais - Comunidades de faxinais e dinâmica sócio espacial - Medicina popular em comunidades rurais <p>CONFLITOS RURAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resistência camponesa e luta pela terra - Expropriação e desterritorialização camponesa
--	--

Fonte: Páginas dos programas de pós-graduação. Elaborado pelo autor

Na região Norte do Estado, onde predominavam as lavouras de café como base econômica e de sustento das pequenas e médias propriedades, produto da estrutura fundiária deixada pelas colonizadoras, a mudança da paisagem acontecia de forma rápida e severa. As novas lavouras tinham que avançar, pouco importando o custo social. Um custo que recaiu nos ombros dos empregados rurais e dos pequenos proprietários e seus familiares, expulsos do campo e não absorvidos nos espaços urbanos. É dessa realidade que acabam emergindo os movimentos sociais e as lutas pela reforma agrária. E com base nessa mesma realidade que os pesquisadores vão se abastecer de temas para suas dissertações e teses.

Questões fundamentais como o comprometimento do modelo colonizador que viabilizou a pequena propriedade e a permanência do homem no campo, as características da nova agricultura e a crise da agricultura tradicional, a concentração fundiária, tendo do lado oposto a reação camponesa, a organização dos movimentos sociais e a arrancada da reforma agrária, são exploradas nas pesquisas. Associados a esses temas, passam a ser desenvolvidas pesquisas focando as cooperativas-empresas, a agricultura familiar, o trabalho da mulher na agricultura, o campesinato e a destruição de formas ou modos de produção consideradas pelos autores como não capitalistas.

5 AS PESQUISAS E SEUS PROBLEMAS

Concluída a etapa em que o objetivo foi quantificar os trabalhos e identificar a tendência quanto aos temas abordados no leque de opções da Geografia Agrária, a etapa seguinte foi tentar qualificar os trabalhos, levando em conta um conjunto de critérios envolvendo o nível de aprofundamento alcançado no texto, a aptidão do pesquisador em estabelecer diálogo com o tema e com as fontes e ao mesmo tempo de se posicionar enquanto produtor de conhecimentos. Também foram considerados o procedimento metodológico utilizado e se a abordagem na construção do trabalho seguiu as normas do pensamento geográfico, minimamente considerando a citação e a devida aplicação de alguns conceitos balizadores da Geografia, caso de território, espaço, região e paisagem.

Bom lembrar que nessa etapa não foi possível ler e analisar todos os 112 trabalhos catalogados como de Geografia Agrária, mas apenas parte deles. Do conjunto de teses e dissertações que tiveram arquivos postados nas páginas dos programas de pós-graduação, vinte

foram escolhidos aleatoriamente para a análise qualitativa, sendo pelo menos dois de cada programa. A princípio, a ideia era avaliar uma a uma todas as 112 dissertações e teses; optou-se, no entanto, pela amostragem levando em conta que tal atividade implicaria em uma leitura pormenorizada dos trabalhos, consumindo um tempo bem maior do que o disponível.

Cabe aqui uma observação, importante pelo menos sob o ponto de vista do autor. Como citado, a intenção inicial nesta etapa era a identificação da tendência, considerando aspectos qualitativos das teses e dissertações. Ao se fazer as leituras pormenorizadas dos trabalhos selecionados, no entanto, a intenção se desdobrou e acabou atingindo, além das prováveis tendências, alguns pontos “não convencionais” dos trabalhos. Pontos que não podem estar associados a tendências, mas que devem alimentar reflexões tendo em vista a natureza e as próprias finalidades do Simpgeo, evento para o qual o texto foi inicialmente preparado.

Trata-se de falhas que foram detectadas, não em todos, mas em parte dos trabalhos analisados, e que passam a ser destacadas junto com o que pode estar associado às tendências qualitativas. Para evitar constrangimentos, nos destaques dos “deslizes” não serão identificados títulos, autores ou cursos. Apenas as deficiências serão colocadas, tomando-se por base alguns critérios previamente estabelecidos.

O que se buscou inicialmente foi detectar a qualidade do texto como produção científica e literária em Geografia e o domínio do tema pelo autor, aqui considerando a capacidade de livre trânsito com as fontes primárias e secundárias e o posicionamento enquanto produtor de conhecimento. Três dimensões foram consideradas nesse sentido: a primeira foi verificar se no trabalho foram produzidas respostas com o devido aprofundamento para questões norteadoras da pesquisa acadêmica; a segunda foi verificar o domínio de conhecimento do tema por parte do autor e seu posicionamento crítico; na terceira a preocupação foi verificar a relação do tema e da abordagem com a Geografia e a utilização de metodologia adequada e fundamentada. As questões norteadoras, tiradas dos manuais dos cursos de jornalismo e largamente utilizadas pelos pesquisadores geógrafos, particularmente aqueles que militam na Geografia Agrária, são estas:

O que? - para identificação do tema, do problema objeto da pesquisa

Quem? - identificação dos personagens envolvidos, dos atores sociais

Onde? - o espaço, a localização geográfica da ocorrência

Quanto? - quantificação dos dados levantados

Quando? - período, recorte histórico de ocorrência do problema estudado

Como? – o relato, o processo histórico envolvendo o objeto da pesquisa

Por que? – as causas geradoras, as justificativas

Nos vinte trabalhos avaliados, as quatro questões iniciais tiveram respostas que podem ser consideradas adequadas. O objeto da pesquisa e os atores sociais foram devidamente apresentados, o mesmo ocorrendo com a localização da ocorrência no espaço geográfico e com a quantificação dos dados de campo - tabelas e gráficos apontando os fatores quantitativos não faltaram. Alguma dificuldade vai ser constatada na historicidade, no recorte histórico, e dificuldade maior em apontar e interpretar as causas geradoras.

Parte dos pesquisadores (não todos) evidenciaram ter dificuldades em estabelecer o recuo histórico adequado para a localização temporal do problema estudado e com isso valorizaram o recorte histórico além do necessário. Exemplo: um dos trabalhos teve como preocupação o estudo da colonização do Norte do Paraná e o autor utilizou quatro páginas para explicar como foi a distribuição de terras pelo regime de sesmarias no Brasil, sem estabelecer qualquer relação entre as sesmarias e a colonização regional.

Mas o vilão dos pesquisadores foi mesmo identificar e interpretar as causas geradoras do problema focado. Foram poucos os trabalhos que avançaram nesse quesito, a maior parte denotando deficiências de base teórica e conhecimento apenas superficial do objeto da pesquisa. Estudos de conflitos rurais foram desenvolvidos como se retratassem casos isolados, sem relação com a concentração fundiária, com os modelos agrícolas, com o desemprego no campo, com a expulsão e expropriação de trabalhadores. Sem base teórica adequada para entrar nas justificativas, no porquê do problema, pesquisadores recorreram à excessiva valorização de dados numéricos e à repetição de citações de autores, mas sem estabelecer diálogo com esses autores, sem discutir posicionamentos, ou mesmo correlacionar a referência ao caso estudado.

Parte dos trabalhos deixa de conceituar ou pelo menos discutir termos centralizadores das respectivas pesquisas e que muitas vezes constituem alvo de discordâncias na interpretação de autores, caso de lavoura camponesa, campesinato, agricultura familiar, pequena produção. Na mesma dimensão, aparecem trabalhos que abordam o tema modernização da agricultura, mas não exploram as manifestações do capital no campo. Existem casos em que os respectivos autores, ao estudarem projetos de reforma agrária e trabalho da mulher na agricultura, se envolveram emocionalmente e de tal maneira com o tema que acabaram produzindo discursos evasivos, sem a consistência própria de um trabalho científico.

Pelo menos em parte dos trabalhos analisados, a abordagem não conseguiu sair da superficialidade, ficou presa nas generalidades do tema, evidenciando dificuldades ou insegurança do autor de mergulhar mais a fundo. Faltou diálogo com as bases teóricas, com as fontes, faltou a presença do autor em seu próprio trabalho. Não superando tais barreiras no domínio do conhecimento, mesmo sem querer o autor ficou acomodado em zonas de conforto, altamente comprometedoras da qualidade dos trabalhos defendidos.

A questão do vínculo da dissertação ou tese com a ciência geográfica se constitui em outro desafio. Mesmo considerando a importância da interdisciplinaridade, trabalhos que embora registrando na capa e na contracapa que foram defendidos em programas de pós-graduação em Geografia, evidenciam mais semelhanças com a História, com a Economia ou com a Sociologia do que com a própria Geografia. Estão descolados da Geografia, na medida em que fogem da clássica vertente da organização espacial e mesmo algumas vezes citando, não exploram conceitos balizadores da ciência geográfica, caso de espaço, território, paisagem. A propósito, é oportuno destacar que há 24 anos atrás, em outubro de 1994, como participante de mesa redonda no XII Encontro Nacional de Geografia Agrária realizado na UNESP de Rio Claro, o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira já alertava quanto à carência da abordagem geográfica em trabalhos rotulados como de Geografia e chamava atenção quanto à importância do estudo do território como tema central da investigação em Geografia. O alerta, aparentemente, não foi ouvido.

Descolados da Geografia e sem entrar e muito menos questionar causas dos problemas enfocados, os trabalhos tendem a uma abordagem positivista na medida em que valorizam os efeitos, sem se preocupar com interpretações e justificativas das causas geradoras. Trabalhos em que os autores, aparentemente acomodados, se prendem em narrativas de coisas observadas, colocadas de forma descritiva, com pouca ou nenhuma interpretação. Com essa postura, mesmo sem alimentar tal intenção, seguem à risca os princípios positivistas, assim colocados no pensamento de Augusto Comte, um dos seus principais defensores: 1) A sociedade é regida por leis naturais, independente da vontade e da ação do homem; 2) A sociedade pode ser assimilada pela natureza e ser estudada pelos mesmos métodos empregados pelas ciências da natureza; 3) As ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos.

Em trabalhos selecionados, foi constatado que a abordagem utilizada se encaixa principalmente nesse último princípio do positivismo na medida em que seus autores não se arriscam a sair da observação, não conseguem estabelecer julgamento e também não conseguem fazer correlações, mesmo com a manifesta intenção de comparar um caso com outro semelhante. Em outros termos, limitam-se a uma abordagem superficial.

Os desvios existem e são levantados nesta mesa redonda justamente por se considerar o Simpósio Paranaense de Pós-Graduação Geografia espaço político ideal para reflexões baseadas tanto em pontos positivos quanto em pontos negativos das pesquisas acadêmicas. As falhas apontadas contribuem para essa reflexão, que é necessária e que deve ser digerida não só pelos pós-graduandos, mas também, e principalmente pelos docentes que assumem o papel de orientadores. E aqui cabe uma crítica, com jeito de denúncia: no levantamento das teses e dissertações em Geografia Agrária foram encontrados trabalhos em que o orientador principal, pela sua própria formação registrada na plataforma lattes, não evidencia ter habilidades suficientes para supervisionar uma pesquisa nesse ramo de conhecimento. Sem exagero, pode-se afirmar que orientar dissertações e teses em Geografia Agrária exige do profissional docente muito mais do que boa vontade e disposição, exige conhecimento principalmente em relação ao tema da pesquisa do candidato orientado. O orientador não consegue contribuir quando não tem o domínio do conhecimento. Nem em Geografia Agrária, nem em Geografia Urbana, nem em “qualquer outra Geografia”, ninguém consegue orientar em assunto que não domina. Este é um princípio básico. Muitos podem se julgar entendedores, por exemplo, de reforma agrária, mas nem todos os que dizem entender, dominam os conhecimentos que exigem uma discussão sobre reforma agrária com um orientando, quer em nível de mestrado, quer em nível de doutorado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo menos dois indicativos de tendência podem ser tirados em função das pesquisas em Geografia Agrária desenvolvidas no Paraná, aqui apresentados na forma de questionamento. O primeiro: considerando o fator tema, é correto afirmar que a maior parte das pesquisas tende a explorar aspectos da agricultura e de seu desenvolvimento econômico, ficando em segundo plano estudos sobre reforma agrária e conflitos rurais? A resposta é sim. A segunda: considerando o

fator qualidade, é correto afirmar que os trabalhos defendidos nos cursos de mestrado e de doutorado estão aquém do ideal, considerando as falhas elencadas? A resposta é não.

As falhas existem, foram apontadas, mas estão longe de serem carimbadas como tendência. Da mesma forma como foram detectadas deficiências em alguns trabalhos, em outros (a maioria, por sinal) não apresentaram os mesmos problemas. E se na condição de pontos negativos os problemas foram levantados, foi no sentido de aproveitar o momento (a realização do Simpgeo) para provocar reflexões e numa lição de humildade todos (docentes, discentes, coordenadores, funcionários) fazerem um “mea-culpa”. O fato de a minoria dos trabalhos evidenciar algum tipo de deficiência não significa que os olhos devem fechar para essa direção. Minoria ou maioria, pouco importa: o problema é que um arranhão na parte mais escondida de uma obra de arte pode gerar questionamentos na produção do artista.

Data de recebimento: 23 de março de 2019.

Data de aceite: 30 de maio de 2019.